

# 1. A REVELAÇÃO DIVINA

## 1.1. A semântica do Mistério

O termo “Mistério” não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Mistério indica a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade. O Mistério possui um caráter definitivamente indecifrável.

Por mais que conheçamos uma coisa concreta sempre nos damos conta de que há ainda muitas dimensões a considerar e perspectivas a captar. Por mais que conheçamos uma realidade, jamais se esgota nossa capacidade de conhecê-la mais e melhor. Porém, quando nos confrontamos com a realidade infinitamente complexa – o ser humano e Deus –, aí, sim, tomamos consciência clara do que significa existencialmente, em nível experiencial, um mistério. Cada pessoa é um mistério. Aliás, a pessoa emerge para si mesma, e para os outros, um mistério desafiador. Somente sabemos o que cada um revela de si mesmo ao longo da vida. Mas, assim mesmo, cada ser humano continua permanecendo um mistério vivo e pessoal: **“Ó Senhor, nosso Deus (...), que coisa é o homem, para dele te lembrares, que é o ser humano, para o visitares? No entanto o fizeste um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste” (Sl 8, 2a.5-7).**

Mistério, portanto, não se constitui uma realidade que se opõe ao conhecimento. Pertence ao Mistério ser conhecido. Mas pertence também ao Mistério continuar Mistério no conhecimento. Aqui está o ‘paradoxo’ do Mistério. Ele não é o limite da razão humana. Por mais que conheçamos uma realidade, jamais se esgota nossa capacidade de conhecê-la mais e melhor. Quando, por sua vez, as pessoas personalizam a experiência do Mistério, sentem-se como que habitadas por ele e convidadas ao diálogo, à oração. Na raiz de cada religião está uma experiência do “Mistério de Deus”.

As “teologias” constituem um esforço de tradução para a razão (doutrina), para a prática (moral) e para a celebração (liturgia) da experiência do “Mistério de Deus”.

## 1.2. O Mistério de Deus

Deus é o “Mistério”, por excelência. Não é uma realidade que se possa apreender como outras realidades. Deus não existe do modo como existem as coisas ou as pessoas no mundo. O seu Mistério envolve-nos por todos os lados: **“pois nele vivemos, nos movemos e existimos (...)” (At 17, 28a).** A Sagrada Escritura se refere a Deus chamando-o de ‘Deus escondido’ (cf. Is 45, 15), que habita uma ‘luz inacessível’ (cf. 1Tm 6, 16). Como seres finitos nunca poderemos compreender Deus, o ser infinito que tudo abarca: **“Para mim, tua sabedoria é grandiosa, alta demais, eu não a entendo” (Sl 139, 6).**

Isto significa também que não podemos deduzir o Mistério de Deus do mistério de nosso ser. Deus não é uma invenção humana, um ídolo que nós fabricamos, nem tampouco a projeção de nossos desejos. Deus é verdadeiramente Deus apenas se o seu Mistério é mais profundo e maior que o mistério humano. São Paulo confessa: **“Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os**

**seus caminhos! De fato, quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem se antecipou em dar-lhe alguma coisa, de maneira a ter direito a uma retribuição? Na verdade, tudo é dele, por ele e para ele” (Rm 11, 33-36a).**

Perante o Mistério de Deus, devem sempre renovar-se as representações humanas da divindade. Por isso, temos de refazer sempre de novo o caminho e aprofundar continuamente o conhecimento de Deus: **“Tua face, Senhor, eu busco. Não me escondas teu rosto (...)” (Sl 27, 8b-9a).** Quanto mais o ser humano se aventura na busca de Deus, mais insatisfatórias lhe aparecerão todas as respostas anteriores. Um exemplo impressionante deste fato é nos oferecido pela Sagrada Escritura na figura de Jó. Ele foi atingido pelos mais duros golpes que a vida pode reservar a um ser humano; perdeu tudo: os seus bens, a saúde, a família. Não consegue compreender Deus e ‘ralha’ com ele. Mas no fim tem de reconhecer que não se pode discutir com Deus, que não se pode penetrar o seu Mistério. Por isso permanece em silêncio e confessa: **“Pois eu falei, sem nada entender, de maravilhas que ultrapassam meu conhecimento” (Jó 42, 3).**

O homem e a mulher de fé têm consciência do ‘Mistério insondável de Deus’. Por conseguinte, não precisa disfarçar as dificuldades de muitas perguntas, nem de harmonizar as dissonâncias da vida humana, frequentemente gritantes; sabe suportá-las, porque não pretende dar uma solução ao ‘Mistério’.

O que conhecemos de Deus são apenas imagens e comparações. Através delas chegamos a vislumbrar obscuramente, como se estivéssemos bem distantes, o seu Mistério. São Paulo fez esta experiência: **“Agora nós vemos num espelho, confusamente; mas, então veremos face a face” (1Cor 13, 12a).** ‘Espelho’ e ‘comparação’ significam que as nossas imagens podem enunciar ‘algo’ sobre o Mistério de Deus, mas jamais abarca-lo. Não podemos falar de Deus senão servindo-nos da linguagem do nosso mundo. No entanto, Deus é infinitamente maior que as nossas imagens e conceitos. É aquilo acima do qual não se pode pensar nada maior; é, segundo um pensamento de Santo Anselmo de Cantuária, até maior que tudo quanto se possa pensar. Segundo Santo Tomás de Aquino, todos os nossos conceitos e imagens exprimem o que Deus não é, mais o que Deus, de fato, é.

Para compreendermos um pouco da realidade divina devemos fazer uso da ‘analogia’. O Concílio IV de Latrão (1215) proclamou: **“Entre o Criador e a criatura não se pode apontar uma semelhança sem ver que a dessemelhança é ainda maior” (Dz 806).** Esse Concílio descreveu todo o nosso conhecimento de Deus como ‘análogo’.

O termo grego ‘analogia’, que aparece no original bíblico do Livro da Sabedoria (cf. Sb 13, 5), pode significar proporção, semelhança e concordância, e também plenitude. Se afirmamos, por exemplo, que Deus é nosso Pai, exprimimos de alguma forma que Deus é Pai no sentido mais profundo e mais autêntico da palavra. É um Pai infinitamente bom, justo e carinhoso, muito mais que todos os pais deste mundo. É realmente o Deus da ternura, da graça, lento na ira e rico em misericórdia e fidelidade (cf. Ex 34, 6; Sl 103 [102] e 145 [144]).

Tudo o que nós afirmamos e pensamos de Deus só é válido quando se afirma num sentido inteiramente único, infinitamente perfeito. Todos os conceitos e imagens que aplicamos a

Deus são apenas como uma seta indicadora. Em nenhum deles temos Deus. Todos nos remetem, antes, para o caminho que a ele conduz. Devem dispor-nos de forma contínua para prestar atenção ao que Deus tem a dizer-nos com as suas palavras e obras na história.

### 1.3. O ser humano é capaz de apreender o Mistério

Deus se revela no mundo; o mundo é sinal de Deus. Ensina o Catecismo da Igreja: **“Partindo do movimento, da ordem e da beleza do mundo se pode chegar a conhecer Deus como origem e fim da realidade criada” (CIC 32).** Todavia, Deus não se torna evidente, no sentido imediato do termo, através do mundo. Se essa evidência existisse, ninguém mais poderia negá-lo. Todo ser humano seria obrigado a afirmá-lo irresistivelmente. Ao contrário, chamando a atenção para si através de um sinal, a realidade criada, Deus não se impõe a nós. Deus se propõe a nós. Deus respeita a liberdade humana.

O diálogo com Deus, que toma como ponto de partida a realidade criada, o mundo, mesmo válido, acaba, ao mesmo tempo, sendo extremamente incerto e precário, devido ao pecado que obscureceu a inteligência e enfraqueceu a vontade humana.

Além disso, existe outra ordem de realidades que o ser humano não pode de modo algum alcançar com as suas próprias forças, e que nos seria impossível conhecer se não nos tivessem sido comunicadas, já que não se podem deduzir dos fenômenos que nos rodeiam. O sinal é algo que, ao mesmo tempo em que revela, esconde. Ele não comunica diretamente a coisa que indica, mas quase a retém e a esconde dentro de si. Essa realidade ecoa com força na meditação bíblica: **“Deus escondido, realmente sois Senhor” (Is 45, 15).**

A realidade criada leva a intuir a existência de uma realidade metafísica, no entanto, o ser humano, confiando unicamente na “razão”, não pode afirmar o que Deus é em si mesmo. Deus é mistério insondável, incomensurável, é realidade que nos transcende.

Para conhecermos a verdadeira realidade divina é necessária sua revelação na história: é a “Revelação sobrenatural de Deus”.

Deus aproximou-se de nós, abriu-nos o seu ‘coração’ e, de alguma maneira, deu-nos a conhecer a sua própria intimidade, o seu mundo interior. O motivo desta ‘Revelação’ é o ‘amor’ que move Deus a comunicar sua vida para além de si mesmo. São Tomás de Aquino afirma: **“É o amor que causa a revelação dos mistérios” (Explicação ao Evangelho de São João).** E o Concílio Vaticano II confirma essa mesma ideia: **“O Pai, que está no céu, vai amorosamente ao encontro de seus filhos para conversar com eles” (DV 21).**

Deus não está sentado no seu trono, como um monarca oriental da Antiguidade, não permanece distante do ser humano. Pelo contrário, vem ao nosso encontro. Revela-nos não só que existe, mas que também é ‘rico em amor e fidelidade’ (cf. Ex 3, 14 e 34, 6); é ‘Emanuel’, o ‘Deus conosco’, que nos concede a sua amizade e nos convida a ser seus amigos.

## 1.4. O Mistério revelado na história

### 1.4.1. Antigo Testamento

As principais verdades que se revelam em Deus no AT são as seguintes:

a) Deus vivo. Em primeiro lugar, o Deus do Antigo Testamento se revela como o Deus vivo e pessoal, como **“Eu sou Aquele que é” (Ex 3, 14)**, em oposição aos ídolos que são mudos e sem vida (cf. Sl 115), que chama o ser humano para um encontro de comunhão pessoal com ele. Com efeito, nesse encontro pessoal com o Deus vivo, Israel vai descobrindo Deus como um amigo muito próximo, que manifesta abertamente seu amor e que solicita ser correspondido (solicita a resposta da fé).

b) Deus único. Não existem outros deuses. Deus escolheu seu povo, ele é sua propriedade, e, por isso, poderá dizer a esse povo: **“Não terá outros deuses diante de mim” (Ex 20, 3)**. Essa experiência de um ‘deus próprio’ se encontra também em outros povos que rodeiam Israel: **“Se todos os povos caminham cada qual em nome de seu deus, nós caminhamos em nome do Senhor, nosso Deus, por todo o sempre” (Mq 4,5)**. Tanto que ser ‘desterrado’ equivale a partir para o serviço de outros deuses (cf. 1Sm 26, 19). Essa ideia da existência de divindades estrangeiras permaneceu, ainda, por um longo tempo. Porém, Israel foi compreendendo gradativamente que existe um único Deus, *“Yahvé”*.

3.) Deus transcendente e imanente. É o Deus diante de quem se experimenta ‘medo e tremor’ (cf. Ex 3, 6; Is 6, 4-5), é o totalmente “Outro”, o três vezes santo (cf. Is 3, 6), mas também é um Deus que sai de seu Mistério e que dá início a um diálogo com o homem, o Deus que se faz “Emanuel”. Essa realidade é descrita em afirmações, como: **“Com efeito, que grande nação tem deuses que tanto se aproximam dela quanto o Senhor, nosso Deus, o faz todas as vezes que o invocamos?” (Dt 4, 7)**. Deus está realmente com os seus, presente na vida deles. Por isso, pouco a pouco, vai sendo considerado como um pai de quem Israel é como o filho primogênito (cf. Ex 4, 22). Tudo isso não é senão manifestação da percepção que o povo tem da proximidade de Deus, com tanta frequência proclamada nos salmos (cf. Sl 36, 8-9; 42, 2; 73, 23.28; 145, 18).

### 1.4.2. Valor existencial do Antigo Testamento

O Antigo Testamento é uma força revitalizadora para a fé e a teologia cristã, pois nos apresenta as ações de Deus na história. Não existe na bíblia uma sequência de ideias, mas uma sequência de acontecimentos. O encontro de Deus e do ser humano ao longo do Antigo Testamento é um encontro entre pessoas; através desse encontro o ser humano responde a um ‘Ser pessoal’ e não a uma ideia. Isso nos faz compreender ainda mais que o encontro com Deus tem lugar na história e não no âmbito do abstrato e atemporal. Deus entra em contato com homens concretos: Abraão, Moisés, Davi, etc. Entra em contato com Israel num determinado tempo e lugar, ou seja, em momentos precisos de sua história. Desta maneira, a resposta que dá o homem a essa manifestação de Deus é também definida e concreta.

### 1.4.3. Novo Testamento

Em Cristo, a revelação tem um valor total e definitivo, de tal modo que diante desse acontecimento em sua totalidade não se pode procurar ou esperar uma nova revelação. Por isso, o Concílio afirma enfaticamente que a economia cristã, por ser a aliança nova e definitiva, jamais passará e que não se pode esperar outra revelação pública de Deus (cf. DV 4).

Cristo é a plenitude da revelação, porque Ele não é somente homem, mas o Filho de Deus, o Verbo do Pai. Somente Ele nos pode mostrar a verdadeira natureza de Deus. Somente Ele é a plenitude exaustiva da manifestação divina, uma vez que foi nele que Deus deu início a uma realidade completamente nova e inaudita de comunicação filial do homem com Deus.

Do ponto de vista do conteúdo, todo o desígnio salvífico se revelou em Cristo. Contudo, a compreensão desse mistério e seu aprofundamento se efetuam na Igreja com a assistência do “Espírito Santo”, prometido aos apóstolos. No tempo de Pentecostes, com a morte do último apóstolo, se encerra a história salvífica como ‘história da revelação’. Tudo já foi dito por Jesus e permanece em sua Igreja o Espírito, que explica aos fiéis o sentido pleno dos ensinamentos de Jesus (cf. Jo 14, 26; 16, 13-18; EN 75). Começa, então, em Pentecostes, a história da missão, o tempo da evangelização da Igreja a todos os povos”.

Pe. José Roberto Fortes Palau